

Arcos e tectônicas relacionadas nas bacias do norte do Brasil

Mario Vicente Caputo

Bacias sedimentares do Norte do Brasil, Marajó, Amazonas, Solimões e Acre apresentam arcos externos e internos, alguns dos quais não devem ser considerados como tais e outros mencionados na literatura não foram fisicamente comprovados. As tectônicas formadoras dos arcos são de idades e de naturezas diferentes. A Bacia do Marajó apresenta o Arco do Gurupá a oeste, que é uma ombreira do Rifte do Marajó e o Arco de Gurupi a sudeste, que é uma flexura com a Bacia do Parnaíba. O soerguimento do Arco de Gurupá foi intenso, onde toda a seção paleozoica, com mais de 5.000m de espessura, foi inteiramente removida de seu ápice. Com base em datações de diques básicos, introduzidos no embasamento, paralelos à costa do Amapá, o processo de ruptura do Continente Pangea começou a manifestar-se no Permo-Triássico, envolvendo também o sistema de bacias do Marajó. Esse evento transtensivo é contemporâneo ao Tectomagmatismo Penatecaua (204Ma) e à abertura do Oceano Atlântico Norte. A Bacia do Amazonas é limitada pelos arcos de Gurupá a leste e do Purus a oeste. O tectonismo Gurupá foi o evento tectônico mais expressivo da bacia, pois cortou sua comunicação com a Bacia do Parnaíba e bacias do noroeste africano. Este arco se manteve alto e exposto até o Neocretáceo, sendo encoberto no Cenozoico. O Arco de Purus é um separador geográfico das bacias do Amazonas e do Solimões, existente desde o Proterozoico, resultante da inversão da antiga Bacia Prosperança. Ele foi encoberto apenas no Pensilvaniano, quando permitiu intercomunicação do mar entre as bacias do Amazonas e do Solimões. A existência do Arco de Monte Alegre não foi confirmada, pois esta feição é uma estrutura dômica restrita à plataforma norte da Bacia do Amazonas. O Arco de Purus é o limite oriental da Bacia do Solimões e o Arco Envira é seu limite ocidental. Esta feição foi anteriormente considerada como o Arco Iquitos, resultante de uma entumescência periférica desenvolvida no Cenozoico devido à sobrecarga tectônica andina. Enquanto que o Arco Envira resultou da orogenia Juruá neojurássica, relacionada à quebra inicial do Continente Gondwana, que soergueu e removeu a cobertura paleozoica na região entre as bacias do Solimões e do Acre, formando falhas inversas e dobras assimétricas transpressivas no pacote sedimentar remanescente. Este arco foi encoberto no Cretáceo. Natureza dos esforços, tempo de ocorrência e posições dos arcos Envira e Iquitos são distintas. A orogenia Juruá neojurássica é mais extensiva nas bacias subandinas. A Bacia do Solimões é subdividida pelo Arco de Carauari, nas sub-bacias de Jandiatuba a oeste e Juruá a leste. Este arco divisor foi possivelmente resultante de uma entumescência periférica criada pela sobrecarga da espessa soleira superior de diabásio, introduzida na bacia no Neotriássico. A Bacia do Acre é separada da Bacia do Solimões pelo Arco Envira a leste e da Bacia de Ucayali (Peru) pela falha cenozoica inversa do Divisor a oeste. O Arco Paraguá, com direção E-W, resultante do cisalhamento transpressivo Juruá, separa também a Bacia do Acre nas calhas, Jaquirana ao norte e central ao sul.